

Fundação Getulio Vargas

Tópico: FGV Social

Veículo: Jornal do
Commercio - PE

Página: Capa/10

Data: 04/05/2020

Editoria: ECONOMIA

Coronavoucher

Agências da Caixa abrem hoje às
8 horas prometendo mais agilidade
no atendimento. **Economia 10**

AUXÍLIO EMERGENCIAL

Caixa amplia horário para atender

Com agências

O presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães, disse neste sábado (2), em entrevista coletiva, esperar que na próxima semana as agências da instituição “sejam mais rápidas e eficientes” no pagamento do auxílio emergencial do governo federal. Na última semana, as filas se multiplicaram por todo o País, gerando aglomerações, que estão proibidas para conter a contaminação pelo coronavírus.

As agências da Caixa devem abrir às 8h da manhã desta segunda (4), para realizar o pagamento para quem nasceu até outubro. Na terça (5), recebem os que nasceram em novembro e dezembro. As pessoas interessadas em receber o auxílio emergencial podem se cadastrar até o dia 3 de julho.

Ainda na coletiva, Guimarães afirmou que os beneficiários do Bolsa Família devem receber a segunda parcela do auxílio emergencial nos últimos 15 dias úteis do mês, mas argumentou que as datas ainda serão definidas.

A Caixa abriu 902 agências no

sábado (02) pagando o benefício a cerca de 2 milhões de pessoas. Do total de atendidos até o início da tarde, cerca de 900 mil contaram com a ajuda de funcionários do banco para gerar o código no aplicativo Caixa Tem, procedimento necessário para a retirada do dinheiro, depositado em contas sociais digitais, nos caixas automáticos.

Pedro Guimarães ressaltou que a expectativa é de ter menos filas, “embora tenha a folha de pagamento sendo paga” nos primeiros dias da semana. O presidente da instituição revelou que a Caixa contratou mais de 3 mil vigilantes, que estarão nas agências nesta segunda-feira (04) para conter confusões. Outros 4 mil funcionários da instituição vão participar do atendimento ao público. O telefone de informações sobre o auxílio emergencial é 111.

A Caixa informou que 50 milhões de pessoas receberam a primeira parcela do auxílio, totalizando pagamentos de R\$ 35,5 bilhões.

BENEFICIADOS

Quando a manicure Luana Santana, de 27 anos, viu que o



FILAS Dificuldade que o governo tem é distribuir o benefício

número de clientes só diminuía com o avanço dos casos do novo coronavírus, ela ficou sem saber o que fazer. “Todo mundo ficou preocupado, porque tenho dois filhos e dependia do trabalho para viver. Nem sabia que tinha direito ao auxílio emergencial. Descobri por acaso e ainda lembro do alívio que senti ao receber o di-

nheiro.”

Luana, que era beneficiada pelo Bolsa Família com R\$ 78 por mês, passou a receber R\$ 1,2 mil de auxílio, por ser mãe solteira. “O benefício demorou para ser aprovado. Só via a despensa ir ficando mais vazia, até que saiu. Nem foi preciso pensar muito. Assim que o dinheiro caiu, eu corri

para o supermercado.”

De uma hora para outra, as famílias que recebem o Bolsa Família viram seu benefício multiplicar de valor com a pandemia do novo coronavírus. Entre abril e maio, foram beneficiadas pelo programa 14,27 milhões de famílias. Quem antes recebia benefícios de até R\$ 205 por mês, passou a receber de três a seis vezes mais, entre R\$ 600 e R\$ 1,2 mil mensalmente, por três meses – tempo previsto de duração do auxílio emergencial.

Como a principal dificuldade que o governo tem para distribuir o benefício é chegar até as 11 milhões de pessoas que não estavam cadastradas em programas sociais antes da pandemia da covid-19, o Bolsa Família se transformou em questão de meses de alvo de descaso em solução para a distribuição de recursos para os mais vulneráveis.

Se em fevereiro a fila de brasileiros aguardando para entrar no Bolsa Família chegava a 3,5 milhões de pessoas, em meio à pandemia o cadastro antecipado e a rede de distribuição do programa garantiram a via mais rápida de distribuição do auxílio emergen-

cial pelo governo.

Para o economista da Fundação Getulio Vargas (FGV) Marcelo Neri, o benefício triplicado teria de ser acompanhado de um programa de finanças pessoais, para que as famílias se preparem melhor para lidar com o aumento do benefício. “Não é comum que se conceda o equivalente a seis benefícios de Bolsa Família de uma vez só. Embora o cenário atual exija um benefício maior para as famílias.”

Ricardo Henriques, que ajudou a criar o Bolsa Família em 2003 e hoje é superintendente executivo do Instituto Unibanco, lembra que é preciso pensar nas famílias que perderam renda, mesmo com o aumento do valor recebido do benefício. “As famílias produziam rendas complementares, muitas como informais.” Ele diz que após a crise será preciso pensar em uma política de crescimento econômico do País que contemple a transferência de renda. “Mais pessoas e famílias ficarão vulneráveis. Vai ser preciso manter essa renda mínima e um valor maior do Bolsa Família por mais tempo pode ser mesmo necessário.”